

MAURÍCIO WALDMAN



REPENSANDO O LIXO ORGÂNICO



EDITORA KOTEV
SÉRIE RESÍDUOS SÓLIDOS 19

REPENSANDO O LIXO ORGÂNICO ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

Quando o assunto em pauta são os modelos de recuperação dos resíduos, de pronto acionamos imagens de materiais recuperáveis como plásticos, metais, papéis e vidros.

Em seguida, também de modo imediato, recordamos do símbolo da reciclagem, dos catadores, de contêineres e demais aparatos que transformam aquilo que é considerado inservível, em bens que atendem as demandas do dia a dia e defendem o meio ambiente.

Ademais, esta percepção está referendada com a chancela da reciclabilidade, que invariavelmente, remete para itens inorgânicos, materiais e substâncias que um dia, foram retirados do subsolo, das massas líquidas ou de áreas florestadas.

Nesta ordem de considerações, note-se que poucos recordam a respeito da fração orgânica ou úmida do lixo, pauta que muitas vezes irrompe acobertada pelo signo da estranheza. É como se tratasse de assunto alheio à gestão dos resíduos, algo mais ligado à jardinagem e agricultura de fundo de quintal do que tema relacionado à problemática dos rejeitos.

As razões deste modo de entender a fração orgânica dos resíduos domiciliares, também classificada como lixo culinário, compostáveis e tecnicamente, de resíduos urbanos biodegradáveis (RUB), não decorrem da falta de argúcia das pessoas e muito menos de mero acaso.

Note-se que a despeito de constituir, comparativamente aos demais itens dos lixos residenciais, na mais reciclável fração das sobras - particularmente em razão de que sendo orgânica retorna com facilidade indiscutível para os ciclos da natureza - quase

sempre esta categoria de rebotalhos termina de um modo ou de outro por ser ignorada, ou então, investida de graves ambiguidades.

Primeiramente, dado esquecido pela maioria dos mortais, pelo fato da reciclagem ser uma *atividade econômica*. Assim, as sucatas com maior valor agregado, justamente as que compõem a fração seca, se transformaram no foco da indústria recicladora.

Para exemplificar, sublinhe-se que ao longo da década passada, entre os anos 1999 e 2008, os percentuais de expansão do reaproveitamento dos materiais foram significativos. A reciclagem dos papéis cresceu 163,2%; latas de alumínio, 25,3%; latas de aço, 32,8%; vidros, 17,5%; pneus, 480%, embalagem longa vida, 160%; os plásticos, 41,3% e dentre estes, particularmente a sucata de PET, com 160,9% de aumento.

Em segundo lugar, atente-se que a própria literatura institucional sobre lixo cria confusão quanto à reciclagem dos orgânicos. A saber: a maioria dos manuais técnicos, obras de especialistas em resíduos e até mesmo os materiais de divulgação a respeito de reciclagem e meio ambiente, classificam as sobras em dois grupos: a fração úmida ou orgânica e a fração seca ou inorgânica, esta última rubricada como *reciclável*.

Logo, esta literatura, ao insistir numa dicotomia na qual apenas os inorgânicos são carimbados como recicláveis, certifica ajuizados que desconsideram os orgânicos como passíveis de recuperação. Neste senso, é importante destacar o aspecto econômico da reciclagem porque é este o argumento que fornece a chave das contradições que rondam a gestão dos descartes, seja no Brasil ou em qualquer país do mundo.

No que demonstra a forte inserção da reciclagem na esfera dos negócios, faz décadas que a compostagem do lixo orgânico patina em torno da marca histórica de 1,6% - 2,0% do total dos refugos urbanos do país. Reconhecidamente, isto significa que parte considerável do lixo urbano fica fora do radar de preocupações dos

cidadãos e das autoridades, fazendo com que as imensas potencialidades da reciclagem dos orgânicos também sejam ignoradas.

Confira-se que os RUB perfazem naco considerável do lixo gerado pelas cidades brasileiras. Dependendo da fonte consultada, a massa de detritos úmidos pode pender de um promédio de 50% a 70% do total dos resíduos urbanos, estimativas confirmadas, por exemplo, pela análise gravimétrica dos rebotalhos da cidade de São Paulo (Figura 1).



Figura 1 - Lixeira de tampa basculante marrom, cor que é o padrão para identificar os resíduos orgânicos, norma estabelecida por resolução do Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA), nº. 275, de 25 de abril de 2001, que recomenda a adoção deste código de cor para programas de coleta seletiva de lixo estabelecidos pela iniciativa privada, cooperativas, escolas, igrejas, ONGs e demais entidades (Fonte: < <https://www.comali.com.br/lixreira-14-litros-c-tampa-s-adesivo-cs24mr-bralimpia.html> >. Acesso: 4-01-2019).

Maior metrópole nacional, São Paulo reúne 12 milhões de habitantes e contribui com 11,8% do PNB brasileiro. Porém, mesmo nesta urbe, investida do papel de polo

central da espacialidade urbana do país, a fração úmida segue encabeçando a esplanada dos resíduos. Em 2012, as médias alusivas à cidade indicam que 51% dos resíduos de origem domiciliar consistiam de lixo culinário.

Ora, sendo esta a porcentagem encontrada na maior metrópole nacional, o mínimo a se esperar é que os índices de lixo orgânico alcancem patamares ainda mais proeminentes noutros núcleos urbanos, sejam estes demograficamente expressivos ou não.

Neste sentido, o entendimento de que as prioridades de gestão dos resíduos estão se desviando de um foco essencial é inevitável. Ou seja, lado a lado com a reciclagem dos rejeitos secos, é óbvio que algo tem que ser feito com os resíduos úmidos.

Os RUB - frequentemente categorizados como “putrescíveis” no dialeto conservador típico dos Sistemas de Limpeza Urbana - estão conferidos de vasto potencial de reaproveitamento, aguardando por iniciativas como a geração de energia a partir do biogás, processamento do composto orgânico por centrais públicas e em especial, pelo avanço da compostagem doméstica nas residências.

Entretanto, mais do que ações estatocêntricas, o essencial é garantir a solução no contexto residencial, a partir do que cada cidadão pode levar adiante por si mesmo.

Nesta linha de argumentação, os minhocários domésticos são a resposta mais apropriada ao alcance de todos. Prática e versátil, a compostagem impediria que mais da metade do lixo urbano nacional seguisse para as calçadas blindado nas malfadadas sacolinhas plásticas descartáveis, transformando os RUB num potente revitalizador de solos.

A compostagem doméstica é atualmente uma premissa básica nos sistemas de gestão de resíduos de várias nações da União Europeia, China e Índia, também conquistando adesão em muitos segmentos de opinião dos Estados Unidos.

Entendida, como de fato é, uma solução para conter o alastramento da geração de chorume, o inimigo número um dos corpos líquidos, refreando o aquecimento global e impedindo que as empreiteiras continuem a faturar milhões simplesmente para sepultar lixo (e com isso, pavimentando o surgimento de ainda mais problemas para as gerações futuras), a compostagem doméstica aguarda pelo vital apoio de milhões de brasileiros.

Apoio este que tem como calço fundamental, a mudança de atitudes de cada cidadão frente ao lixo.

BIBLIOGRAFIA

CEMPRE. *Compostagem, a outra metade da Reciclagem*. São Paulo: CEMPRE - Compromisso Empresarial para Reciclagem (CEMPRE). 2001;

IPEA. *Diagnóstico dos Resíduos Sólidos Urbanos - Relatório de Pesquisa*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Brasília (DF): Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. 2013;

IPEA. *Plano Nacional de Resíduos Sólidos: Diagnóstico dos Resíduos Urbanos, Agrosilvopastoris e a Questão dos Catadores*. Comunicados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), nº. 145. Brasília (DF): IPEA. 2012. Disponível *on line* em: < http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent&view=alphacontent&Itemid=133 >. Acesso em: 23-08-2015. 2012;

LEI. *Resolução CONAMA nº 275, de 25 de abril 2001*. Estabelece o código de cores para os diferentes tipos de resíduos, a ser adotado na identificação de coletores e transportadores, bem como nas campanhas informativas para a coleta seletiva (Publicação - Diário Oficial da União – 19-06-2001). Disponível *on line* em: < <http://www.siam.mg.gov.br/sla/download.pdf?idNorma=291> >. 2001;

WALDMAN, Maurício. *Lixo Domiciliar no Brasil: Dinâmicas Sócio-Espaciais, Gestão de Resíduos e Ambiente Urbano - Relatório de Pesquisa de Pós-Doutorado*. Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UNICAMP & Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico (CNPq). Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas / UNICAMP-CNPq. 2011;

_____. *Lixo: Cenários e Desafios - Abordagens básicas para entender os resíduos sólidos*. São Paulo (SP): Cortez Editora, 2010.

1 **Repensando o Lixo Orgânico** é um artigo digital motivacional na área dos resíduos sólidos disponibilizado na Home Page Compostcheira em 21 de Julho de 2018 no link que segue: < <http://compostcheira.eco.br/repensando-o-lixo-organico/> >. A presente edição de **Repensando o Lixo Orgânico**, foi masterizada pela **Editora Kotev** para fins de acesso livre na Internet (2019, Kotev ©), atendendo às regras vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, cautelas de estilo e normatizações editoriais inerentes ao formato PDF. A formatação do material, contou com a Assistência de Editoração, Pareceres Técnicos e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, E-mail: francesco_antonio@hotmail.com, Home-Page: www.harddesignweb.com.br. Os dados e informações de **Repensando o Lixo Orgânico Doméstica** podem ser reproduzidos para finalidades educativas, de pesquisa e comunicacionais desde que mencionadas a fonte e a autoria. É vedada a reprodução comercial deste material e igualmente, de divulgação sem aprovação prévia da **Editora Kotev**. A citação de **Repensando o Lixo Orgânico** deve incorporar referências bibliográficas em conformidade com o padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *Repensando o Lixo Orgânico*. Artigo digital primeiramente disponibilizado na Home-Page de Compostcheira aos 01-11-2018. Série Resíduos Sólidos Nº. 19. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2019.

2 **Maurício Waldman** é antropólogo, jornalista, pesquisador acadêmico e professor universitário. Militante ambientalista histórico do Estado de São Paulo, Maurício Waldman somou a esta trajetória experiências institucionais na área do meio ambiente e uma carreira acadêmica diversificada, com contribuições nas vertentes da antropologia, geografia, sociologia e relações internacionais. Antigo colaborador do líder seringueiro Chico Mendes, ativista de movimentos em defesa da Represa Billings e um dos veteranos da Assembleia Permanente de Entidades em Defesa do Meio Ambiente (APEDEMA, SP), Waldman foi elencado no ano de 2003 em enquete do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) como um dos trinta ambientalistas históricos do Estado de São Paulo. Nos anos 1980 e 1990, participou no CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação) e em várias entidades ecológicas, dentre as quais o Comitê de Apoio aos Povos da Floresta de São Paulo e o Comitê de Fiscalização do Reator Nuclear do Projeto Aramar, em Iperó (SP). No plano institucional, Waldman foi Coordenador de Meio Ambiente em São Bernardo do Campo (SP) e Chefe da Coleta Seletiva de Lixo na capital paulista. Dois dos três pós doutorados desenvolvidos por Maurício Waldman (UNICAMP e PNPd-CAPES), tiveram por tema precípua a gestão dos resíduos sólidos. Waldman é um dos nomes de destaque no conhecimento sistematizado sobre lixo no Brasil. Autor de 18 livros, 22 *ebooks* e de mais de 700 artigos, textos acadêmicos e pareceres de consultoria, Waldman lançou, dentre outras obras, *Ecologia e Lutas Sociais no Brasil* (Contexto, 1992) e *Antropologia & Meio Ambiente* (SENAC, 2006), primeira obra brasileira no campo da antropologia ambiental. Como coautor, assinou em parceria obras como *Meio Ambiente e Missão: A Responsabilidade Ecológica das Igrejas* (Editora da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, 2003), *Guia Ecológico Doméstico* (Editora

Contexto, 2000), *A Eco-92 e a Necessidade de um Novo Projeto* (Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção de Fortaleza, 1992) e *Oito Críticas Ecológicas à Conversão da Dívida* (Coedição CEDI e Editora Global, 1991). Traduziu duas obras de peso: *El Ecologismo de los Pobres - Conflictos Ambientales y Lenguajes de Valoración* (de Joan Martínez Alier) e com a colaboração da filósofa Bia Costa, *Fifty Major Philosophers* (de Diané Collinson). Ademais, Waldman é autor *Recursos Hídricos, Resíduos Sólidos e Matriz Energética: Notas conceituais, metodológicas e gestão ambiental* (Capítulo de Livro, UFRGS, 2016) e de *Lixo: Cenários e Desafios - Abordagens básicas para entender os resíduos sólidos* (Cortez Editora, 2010), obra finalista do Prêmio Nacional Jabuti de 2011 no quesito melhor livro de Ciências Naturais e texto de referência nos estudos nacionais sobre resíduos sólidos, trabalho desenvolvido no transcorrer da pesquisa de Pós Doutorado do autor na UNICAMP. Maurício Waldman é graduado em Sociologia (USP (1982), licenciado em Geografia Econômica (USP, 1983), Mestre em Antropologia (USP, 1997), Doutor em Geografia (USP, 2006), Pós Doutor em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós Doutor em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós Doutor em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015).

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br;

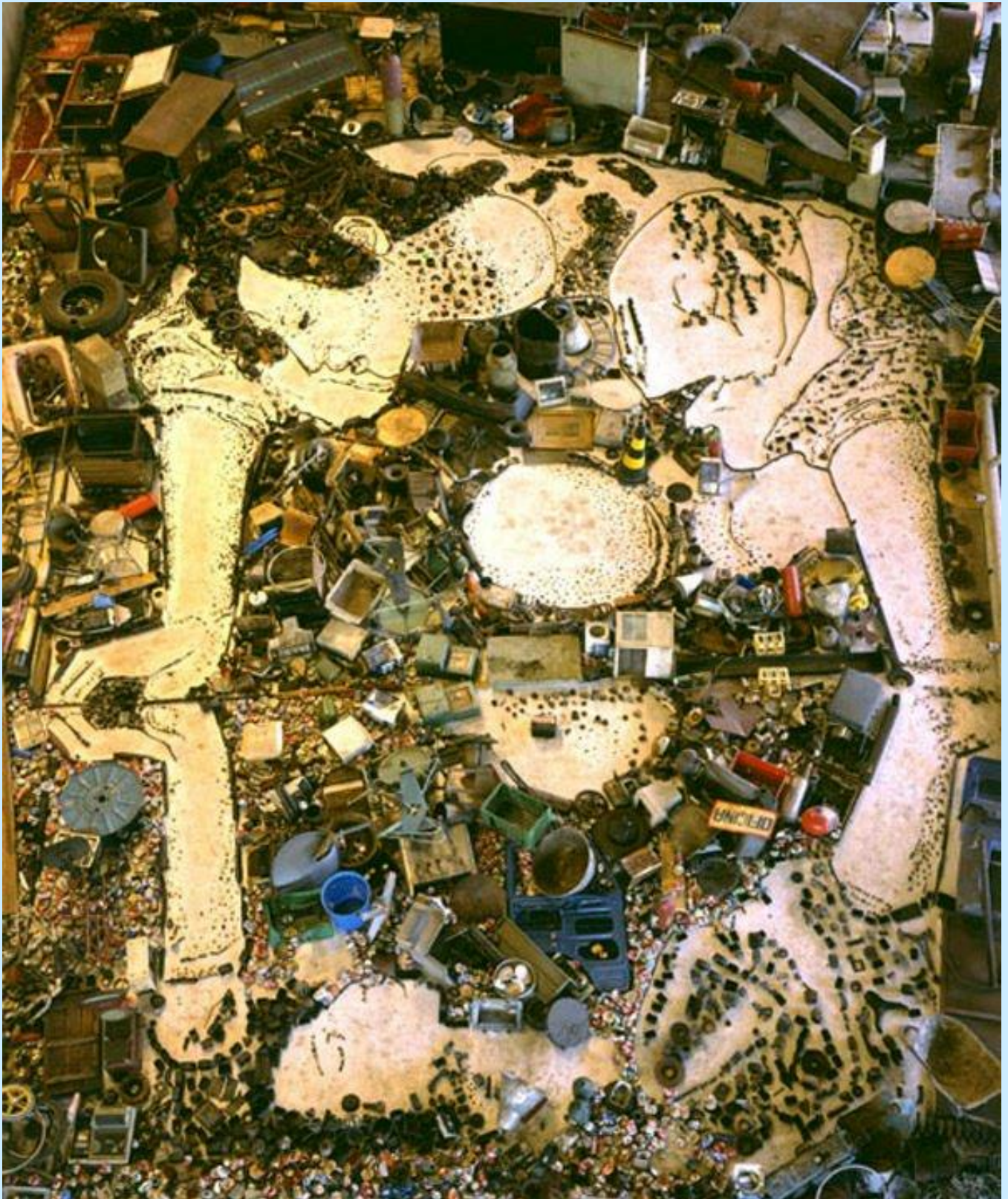
Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>;

Biografia Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman.

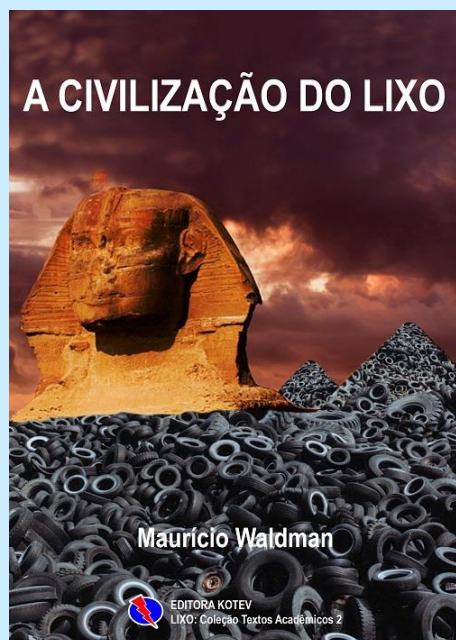
Email: mw@mw.pro.br

CONHEÇA A SÉRIE RESÍDUOS SÓLIDOS



<http://mwtextos.com.br/serie-residuos-solidos/>

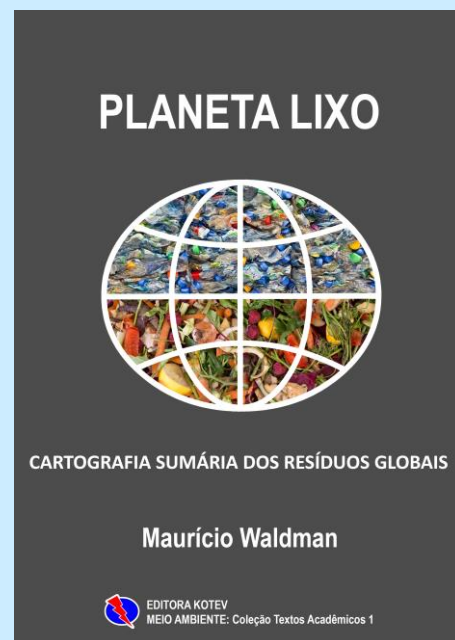
TRÊS EBOOKS DE ACESSO LIVRE NA INTERNET SOBRE RESÍDUOS SÓLIDOS



http://mw.pro.br/mw/a_civilizacao_do_lixo.pdf



http://mw.pro.br/mw/falando_sobre_lixo.pdf



http://mw.pro.br/mw/planeta_lixo.pdf

EDITORA KOTEV

Sintonizada com o Futuro Digital



EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

Os RESÍDUOS SÓLIDOS são um pilar central na atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital de São Paulo. Saiba mais sobre esta vertente editorial da KOTEV: http://kotev.com.br/?product_cat=lixo